

Ano IX julho de 2007 Jornal da Fundação

Gorceix



Salathiel Torres
Nosso Primeiro Presidente
Página 2



**ENCARTE
ESPECIAL**

**Assembléia geral de
constituição da
Fundação Gorceix.
Clube de Engenharia
do Rio de Janeiro,
5 de fevereiro de 1960.**



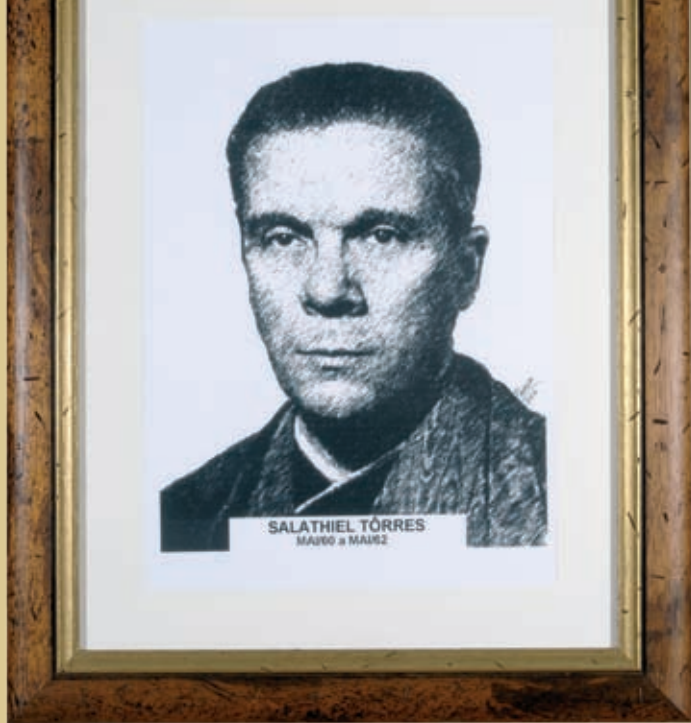
Um pouco de história

A partir desta edição do Jornal da Gorceix, vamos contar um pouco mais da história da Escola de Minas e da Fundação Gorceix. Nosso objetivo é mostrar aos jovens universitários como foram produtivas as relações entre as duas entidades e as diversas lutas empreendidas para torná-las centros de referência em pesquisa e conhecimento científico. Ao mesmo tempo é uma forma dos ex-alunos relembra-rem as diversas fases da Escola de Minas e da Gorceix, das quais participaram.

Neste número publicamos uma pequena biografia do primeiro presidente da Gorceix, Dr. Salathiel Torres e o pronunciamento de seu fundador, Dr. Amaro Lanari, durante a "Festa do 12" de 1959, quando completou 50 anos de formado e foi o orador da turma. Publicamos também partes da história mais recente, como o discurso do ex-aluno dr. Claret Rodrigues da Cunha, por ocasião da Festa do 12 de 2006 e o artigo (publicado originalmente no "ESTADO DE MINAS") do geólogo João César de Freitas Pinheiro, diretor-geral-adjunto do DNPM, registrando o centenário do órgão onde tantos ex-alunos estão ou estiveram.

Esta nova seção está – como todas – aberta à colaboração de alunos e ex-alunos que conhecerem ou tiverem participado de fatos relevantes das duas instituições. É só entrar em contato com nosso presidente, prof. Cristovam, ou com o prof. Antônio Gomes de Araújo (Tunico), que agora também empresta sua colaboração à GORCEIX, como Assessor da Presidência.

Biografia



Salathiel Torres

O primeiro presidente da GORCEIX

Salathiel

Torres, engenheiro de minas, metalurgista e civil, formou-se em 1929 na Escola de Minas de Ouro Preto, quando ganhou o prêmio de viagem à Europa por seu desempenho escolar. Nasceu em Bambuí, oeste mineiro, em 22 de dezembro de 1904 e faleceu em Ouro Preto em 20 de abril de 1975.

Iniciou seu curso secundário no Colégio Arnaldo de Belo Horizonte e veio para Ouro Preto aos 14 anos de idade, para terminar o secundário no antigo Ginásio Municipal, transformado, em 1943, no Colégio Municipal Alfredo Baeta. Foi professor de matemática do mesmo colégio, de 1927 a 1928, quando ainda era estudante de engenharia, e também professor da mesma disciplina no Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto. Em 1944 foi diretor do Colégio Municipal Alfredo Baeta.

Em 1926 trabalhou como agrimensor do Estado de Minas Gerais e, de julho a dezembro de 1929, atuou em serviços de melhoramentos urbanos no governo mineiro. A partir de maio do mesmo ano seria designado professor catedrático interino de Resistência dos Materiais, Grafoestática, Estabilidade das Construções, Concreto Armado e Hidráulica e Máquinas, da Escola de Minas.

Passou a professor catedrático efetivo, por concurso, em 1935. Em 1952, por decisão da Congregação da Escola, foi nomeado para exercer, interina e cumulativamente, o cargo de professor catedrático de Resistência dos Materiais. Foi membro do Conselho Técnico-Consultivo da mesma Escola de Minas e vice-diretor, de 1947 a 1956.

Nesse ano foi nomeado para o cargo de Diretor, função em cujo exercício se aposentou em 1962. Durante sua gestão, o ensino na Escola de Minas foi modernizado, com o desmembramento do antigo curso geral, que formava engenheiros metalúrgicos, civis e de minas. Foram criados os cursos de Engenharia Metalúrgica, Engenharia de Minas, Engenharia Geológica e Engenharia Civil. Desligou a Escola de Minas da Universidade do Brasil, conseguindo sua autonomia. Também em sua gestão foi encomendado ao escritó-

rio do arquiteto carioca Sérgio Bernardes o primeiro projeto da nova sede da Escola de Minas, no Morro do Cruzeiro. Iniciou as obras do prédio, hoje transformado no Centro de Convergência da UFOP.

Junto com Amaro Lanari criou, em 1960, a Fundação GORCEIX, instituição destinada a dar apoio logístico à Escola de Minas, da qual foi presidente de 1960 a 1965. Participou do grupo que iria criar a atual Universidade Federal de Ouro Preto. Até a data de seu falecimento foi professor contratado de Estruturas Metálicas, Resistência dos Materiais e Grafoestática da Escola de Minas.

Em 1965 foi diretor da Escola Técnica Federal de Mineração e Metalurgia de Ouro Preto, atual Centro Federal de Educação Tecnológica. Durante seu exercício nesse cargo promoveu a mudança do estabelecimento – que, desde sua criação, vinha funcionando anexo à Escola de Minas, na praça Tiradentes – para seu campus atual, no Morro do Cruzeiro, local que, até àquela época era a sede do quartel da 4ª Companhia de Comunicações do Exército.

Durante o ano de 1966 foi reitor da Universidade do Trabalho de Minas Gerais – UTRAMIG, em Belo Horizonte.

Na década de 40 foi, por vários anos, provedor da Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto. Participou de diversas irmandades terceiras religiosas de Ouro Preto, como a de Nossa Senhora do Carmo, onde foi Prior, e a de São Francisco de Paula, onde encetou a campanha para a confecção dos bancos que hoje servem à igreja.

Foi vereador à Câmara Municipal de Ouro Preto em 1937. Nas décadas de 1940 a 1950 pertenceu, junto com professores das escolas de Minas e Farmácia e intelectuais ouro-pretanos, à Sociedade dos Amigos de Ouro Preto, que desenvolveu vários projetos em benefício da cidade.

Publicou apostilas como “Concreto Armado” e artigos nos “Anais da Escola de Minas”, na REM-Revista da Escola de Minas.

Discurso

“A Escola de Minas de Ouro Preto tem por fim dirigir a indústria siderúrgica. Não se esquecerá deste dever”

Excerto do discurso proferido pelo Dr. AMARO LANARI, representando oficialmente os antigos alunos, na sessão solene comemorativa do 83º aniversário da Escola, a 12 de Outubro de 1959.

As palavras com que, anualmente, aqui vimos exprimir os nossos sentimentos de saudade, de júbilo, de esperança e de fé, são palavras de um ritual, que não valem por serem novas, mas por nos convidarem a um periódico exame de consciência. Nós, católicos, bem sabemos o que isto significa, pois continuamos a repetir as mesmas palavras e conceitos na oração cotidiana.

Entretanto, é profundamente significativo que a essência e o sentido dos atos comemorativos dos aniversários da nossa Escola, se tenham traduzido sempre em homenagens e culto à memória do seu fundador. De não menor significado, é o fato de que os sentimentos que assim se traduzem, sejam unânimes.

Realmente, em ocasiões como esta, todos se sentem nivelados pelo sincronismo perfeito das emoções e pela completa identidade de sentimentos. E nessa comunhão de almas não é possível dis-

tinguir diretor, professores, antigos ou novos alunos: há apenas os alunos que terminaram e os que não acabaram ainda o curso. Há apenas discípulos de Gorceix, reunidos na sua Escola, como que para uma prestação de contas ao mestre sobre os trabalhos executados numa longa excursão, trazendo-lhe as amostras dos desenganos, das lutas e das vitórias colhidas ao longo dos caminhos da vida.

Como se sentiria feliz o inexcusável professor, se pudesse hoje contemplar a sua obra e apreciar os frutos dos seus esforços e da sua total dedicação!

Como se sentiria orgulhoso da firmeza das mãos daqueles outros eminentes sábios e prudentes varões que o têm substituído ao leme, através de temporais impetuosos ou calmarias inexpressivas.

Como ficaria contente ao ver os seus engenheiros de minas estudando, trabalhando e transformando o subsolo desta grande pátria em utilidades e bem estar para o seu povo!

Lembrar-se-ia dos mestres de forja, que tanto admirava, perdidos pelos ser-

tões afora, a trabalhar, como titãs, nos seus fornos de 3 arrobas por dia, ao contemplar as grandes e modernas usinas siderúrgicas do Brasil. Encontraria, então, os seus discípulos na vanguarda, empenhados no cumprimento da sua determinação: **“A Escola de Minas de Ouro Preto tem por fim dirigir a indústria siderúrgica. Não se esquecerá deste dever”**; e os encontraria sempre atendendo ao seu desejo de que constituísse **“um título de glória dos engenheiros da Escola dar vida nova à indústria do ferro”**.

Como seu discípulo e como velho siderurgista tenho a satisfação do dever cumprido: há exatamente 43 anos propus ao meu caro amigo e colega Cristiano Guimarães, aqui presente, a organização de uma empresa siderúrgica. Aceita por ele a idéia, com o mesmo entusiasmo que me possuía, fundamos, a 21 de janeiro de 1917, a Companhia Siderúrgica Mineira que construiu, em Sabará, o maior alto forno, de então, na América do Sul, com

a capacidade de 25 toneladas diárias de gusa para fundição.

Acompanhei pessoalmente, aqui, em Ouro Preto, o cálculo do perfil do forno e seu projeto, executados pelo meu saudoso mestre Alberto de Magalhães Gomes, obtendo, sem dificuldade, o seu acordo para a incorporação ao projeto de alguns detalhes sugeridos – não só pela mais moderna técnica da época, como pela racionalização e economia da construção e montagem dos equipamentos principais e auxiliares. A boa semente que lançáramos daria certamente bons frutos.

Quase cinco anos mais tarde, após entendimentos pessoais do Sr. Gaston Barbanson com a direção da Companhia Siderúrgica Mineira, realizou-se, a 11 de dezembro de 1921, Assembléia Geral na qual o capital da empresa, então de 350 contos de réis, foi elevado a 15 mil contos, com a subscrição, pelos novos acionistas, entre os quais o ARBED, da quase totalidade desse aumento. A esse consórcio siderúrgico coube assumir, consequentemente, a direção da organização.

Na mesma oportunidade foi resolvido alterar a razão social da firma, tendo o Sr. Barbanson aceito minha sugestão de modificá-la para Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, nome que desde então conserva. A semente germinou e se tornou árvore pujante.

A Louis Ensich, Albert Scharlé e Joseph Hein, e às equipes técnicas e administrativas que adestraram, e nas quais os engenheiros da Escola têm estado sempre em posições destacadas, coube a responsabilidade e a glória de construir a maior e a mais moderna usina siderúrgica a carvão de madeira do mundo.

E, seguindo os conselhos de Gorceix, os técnicos e administradores da empresa continuam dando **“vida nova à indústria do ferro”** quando, acompanhando e incorporando os mais recentes melhoramentos na técnica de fabricação, igualmente se empenham no aumento e aprimoramento da produção de 500 mil toneladas anuais, mostrando ao mundo que 300 toneladas diárias não constituem mais, provavelmente, o limite da produção de um alto forno a carvão de madeira.

A adoção dos conversores LD a oxigênio, o aumento de produção correspondente, as instalações de sinterização, e os sucessivos melhoramentos e modificações dos perfis dos seus altos fornos, como decorreria dos estudos e observações realizadas, toda essa evolução traduz clara e nitidamente a idéia da contínua atualização, da permanente **“vida nova à indústria do ferro”**.

Este espírito criador, a cultura científica e a capacidade técnica, aliados, permitem àquela empresa marchar com coragem e segurança para uma produção de 500 mil toneladas anuais, provavelmente, o limite da produção de um alto forno a carvão de madeira.

A prática moderna do reflorestamento, os conhecimentos adquiridos, o melhor rendimento na fabricação do carvão, as grandes economias de combustível que se tornaram hoje possíveis, todos estes fatores indicam que grandes usinas à carvão de madeira poderão operar ao país, sempre que esta característica apresen-

te vantagem técnica ou econômica ou, ainda, que a solução seja a indicada por outros interesses superiores.

Fui levado a focalizar especialmente a fundação e a evolução da Belgo Mineira, pela responsabilidade que tive na sua criação, e pelo justo orgulho de vê-la crescer e manter-se sempre na liderança dos progressos siderúrgicos no Brasil e no mundo.

Peço alguns minutos de tolerância ainda, para abordar certos problemas que surgirão – se já não surgiram – em decorrência da amplitude e rapidez do nosso progresso e desenvolvimento nestes últimos e nos próximos anos. Interessam, não somente à direção e aos corpos docente e discente da Escola de Minas, mas, talvez, em grau mais premente, a grande número de empresas e estabelecimentos industriais, ao nosso governo, nas empresas para-estatais e nos setores econômicos, e à educação em geral, de norte a sul do País.

É flagrante a carência de técnicos, engenheiros, pesquisadores, etc., com que nos defrontamos, não só para as necessidades atuais, mas, principalmente, devemos presumir, para as que virão no correr dos próximos anos, sobretudo nas especialidades que constituem a finalidade do ensino da Escola de Minas. É de prever-se, conseqüentemente, grande afluência de moços para freqüentarem seus cursos, estimulados, sobretudo, pela grande procura de profissionais, pelo racional encurtamento do curriculum acadêmico, pela diversificação das especialidades, e pelas vantagens que poderão resultar da reforma que se anuncia para breve, sem deixar de mencionar a relativa modicidade da vida em Ouro Preto, comparada com a das grandes cidades.

Surgirá, então, o grave problema do alojamento adequado para essa juventude em habitações higiênicas, com o conforto mínimo que se deve ter, assistência social, médica e dentária, salas de reuniões, biblioteca, serviço de restaurante, etc. E tudo isso é, nada mais nem

menos, o que a maior parte das empresas brasileiras dispensa a seus operários e empregados.

No meu tempo de estudante, o máximo de alunos que atingimos nas 6 séries foi o de 28, se bem me lembro; a cidade estava em plena decadência, devido à mudança da capital para Belo Horizonte e à transferência de grande parte da sua população para a sede do Governo Mineiro. As casas, nem sempre habitáveis, sobravam; seu aluguel era irrisório e os pretendentes podiam usar do direito de escolha. De então para cá as coisas mudaram: o número de alunos cresceu, como cresceu, também, em proporção maior, a população da cidade.

Dizem-me, a propósito, não sei de conhecimento próprio e não me levem a mal por isto, que a intenção é a melhor possível, que em Ouro Preto, atualmente, qualquer casinha de pau a pique é bangalô de Nhônô, e sobrado e casa de pedra, solar de Sinhô, tais as alturas de seus preços e aluguéis.

Esclareço, neste ponto, que considero sagrado e intocável o que existe em Ouro Preto de recordação do seu passado glorioso de Metrópole dos Mineradores, dos tempos áureos do século XVIII, do seu fausto e grandeza, de suas lutas, da Inconfidência e seus mártires, dos seus poetas, dos grandes homens que produziu e, também, do Ouro Preto que vivi, pobre e exaurido, dos tempos de Gorceix e seus primeiros sucessores.

Isto, entretanto, não significa que a cidade, preservado o monumento nacional, não possa crescer e abrigar, condignamente, os mestres e estudantes de minas. Sei da iniciativa da incansável Ana Amélia, presidente da Casa do Estudante do Brasil, em favor dos estudantes de Ouro Preto e eu lhe rendo, por isto, as minhas sinceras homenagens.

O que venho sugerir, porém, é de outro estilo. É como se fora uma fração de cidade universitária, criada e mantida por uma fundação, a Fundação Gorceix, presidida pelo

Diretor da Escola de Minas e Presidente dos Antigos Alunos, dispondo de um Conselho de Curadores, composto de colaboradores-contribuintes, de qualquer procedência, e de uma Comissão Executiva de professores e alunos.

Já o notável sucessor de Gorceix que se revela o meu amigo Salathiel Tôrres, no seu discurso de posse, declara: **“será indispensável que tenha prosseguimento essa obra vital da criação, em Ouro Preto, dos recursos indispensáveis ao florescimento de uma coletividade estudantil realmente apta a fazer frente às absorventes tarefas que lhe incumbem”**.

Eis aí um primeiro problema a resolver, prevendo um número de estudantes que, se avizinha dos 400, em futuro não remoto poderá atingir o milhar ou mesmo mais.

O aumento da capacidade da Escola e do equipamento de gabinetes, laboratórios, etc., é lá com o governo, que se deve dispor a estabelecer metas de largo alcance, em matéria de educação; a concepção de projetos e localização de prédios a que me referi, digamos, modernizados, sem quebrar a linha evoluída da tradição da Metrópole dos Mineradores, para a sua renascença como cidade dos mestres e estudantes de minas, é assunto e competência do SPHAN, cujo diretor, ilustre filho de Ouro Preto, amigo e cultor da velha cidade, será espontaneamente, estou certo, com os elementos técnicos de que dispõe, colaborador eficiente e pronto na solução desta parte do nosso projeto.

Outro problema de capital importância é o da criação, pela **“Fundação Gorceix”** de um verdadeiro Instituto de Tecnologia e Pesquisas aplicadas às especialidades que constituem o objetivo da Escola de Minas, e que seja o lugar em que alunos, antigos alunos, profissionais e técnicos de qualquer procedência, encontrem, em cursos de extensão, os elementos representativos do grande progresso tecnológico contemporâneo.

Como mobilizar os recursos para obra de tamanho vulto?

Começando pelas empresas siderúrgicas e estabelecimentos industriais afins, pelas empresas extrativas de mineração, inclusive a Petrobras, indústrias de metais não ferrosos, indústrias dirigidas ou em cuja direção colaborem antigos alunos; empresas e estabelecimentos, de qualquer natureza, em iguais condições, inclusive bancos, e aqui tenho presente em meu pensamento o fundador e presidente de um grande banco mineiro, antigo aluno desta Escola.

A colaboração virá, espontânea e generosa, e surpreenderá, certamente, os mais otimistas. Ponhamos fé em nosso trabalho que não colima interesses de ordem pessoal, senão servir à causa da nossa cultura e progresso. Confiemos em nossos homens de empresa, que não são menos lúcidos e patriotas que os que, em outras terras, com o mesmo espírito, realizaram e realizam obras de igual alcance.

Sem voltar à Petrobras a que já nos referimos, absorvedora de geólogos, engenheiros de minas e técnicos em pesquisas, extração e destilação de petróleo, possuindo em seus quadros grande número de antigos alunos, façamos um apanhado, ainda que incompleto, mas sem omissão voluntária, dos possíveis pontos de apoio à **“Fundação Gorceix”**: Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, presidida por antigo aluno, tendo em seus quadros vários técnicos e antigos alunos, e dirigida por um ilustre colega mineiro-luxemburguês, amigo desta terra, como o foram seus saudosos patrícios e antecessores; Acesita, entre cujos fundadores diviso vários antigos alunos, atualmente presidida, também, por antigo aluno; Usiminas, empresa que, para começar, vai inverter cerca de 30 bilhões de cruzeiros no Vale do Rio Doce, que precisa de muitos antigos alunos e que é, por sua vez, presidida por antigo aluno; a futura Companhia Siderúrgica Mannesman, de Belo Horizonte; a Usina Gorceix, da Cia. Ferro Brasileiro, fundada por dois antigos alunos e dirigida por patrícios do nosso

homenageado; Companhia Brasileira de Usinas Metalúrgicas, de Barão de Cocais, a veterana e pioneira Usina Esperança e sua aliada de Gagé, dos amigos de Ouro Preto, presidida por Marcos Carneiro de Mendonça; a Alumínio Minas Gerais, fundada e construída por dois antigos alunos e à qual emprestam as luzes do seu saber distintos professores da Escola; a Laferesa e todo aquele vasto campo de usinas e chaminés que se estendem a partir de Belo Horizonte pelo oeste de Minas, que já iniciou a conquista do vale do Rio das Velhas, sertão a dentro, por Matosinhos e Sete Lagoas, que faz seu ato de presença no vale do Rio Doce, em Governador Valadares, e nas quais andam o dedo e a cabeça de vários antigos alunos; a Siderúrgica Ferro e Aço de Vitória, no Espírito Santo; a Companhia Siderúrgica Nacional, fundada pelo Doutor Honoris Causa desta Escola e abalizado siderurgista, General Edmundo Macedo Soares e Silva, a primeira que nasceu grande no Brasil e cujo diretor industrial e vários de seus técnicos especializados, são filhos da Escola de Minas; a Siderúrgica Barbará, a de Saudade, da família José Ermírio de Moraes, também magnata da indústria de cimento, alumínio e extrativa de minerais; a Mineração Geral do Brasil dos empreendedores irmãos Jaffet; a Siderúrgica J. L. Aliperti, a Aços Vilares, a Cosipa, notável iniciativa dos siderurgistas de São Paulo; e outras, grandes e pequenas empresas, em várias das quais se encontra a presença ou a tradição de antigos alunos, como as várias indústrias paulistas em que são de primeiro plano os antigos alunos Othon Alves Barcelos Corrêa e Justo Pinheiro da Fonseca; e em todos os ramos da atividade que abrange as especialidades professadas na Escola de Minas, desde o Amapá ao Rio Grande do Sul, e das costas orientais às lindes ocidentais do Brasil.

Permitam-me que mencione, em último lugar, a pequena e modesta Usina Santo Amaro, da firma Lanari S.A., Indústria e Comércio, localizada em Paracambi, Estado do Rio, que estamos construindo, com o vagar que impõem os parques recur-

sos de que dispomos, cuja produção de lingotes de aço mal atinge, atualmente, 30 mil toneladas por ano, e que obedece, contudo, a um plano de desenvolvimento previamente estudado, que a transformará numa moderna usina integrada para 250 mil toneladas de lingotes de aços comuns e especiais, anualmente. É significativo que, para o plantio desta outra semente, eu tenha podido contar de novo, 35 anos após, com o prestígio e o conforto da presença afetiva do meu velho amigo e companheiro Cristiano Guimarães, em concordância, ainda uma vez, com o desejo expresso de Gorceix, de que aos engenheiros da Escola cumpra **“dar vida nova à indústria do ferro”**.

Sem qualquer intuito de propaganda, que não se coaduna com o nosso feito, mas apenas como indicação da proporção em que as empresas há pouco relacionadas e outras poderão contribuir para a **“Fundação Gorceix”**; assumimos, neste momento, o compromisso formal de reservar em nossos balanços anuais uma contribuição de um milhão de cruzeiros para essa fundação, logo que ela adquira personalidade jurídica. E mais, que essa contribuição crescerá com o desenvolvimento que, esperamos, venha a ter a nossa Usina; e, por último, que estudaremos, oportunamente, os meios de transformar essa contribuição em renda patrimonial da **“Fundação Gorceix”**.

Faço esta declaração, e assumo este

compromisso, em nome e com a plena aprovação de quatro antigos alunos e dois filhos de antigos alunos, que constituímos a administração e o corpo de técnicos da nossa ainda pequenina empresa.

Àquele empreendimento, a **“Fundação Gorceix”**, que julgamos da maior oportunidade e do mais alto interesse para os alunos da Escola, para os profissionais da engenharia, para as indústrias, para a ciência, para a Escola de Minas e para o País, estamos prontos a dar o melhor dos nossos esforços, em qualquer dos seus aspectos, inclusive quanto ao trabalho do angariamento dos recursos necessários.

Pois foi o próprio Gorceix quem escreveu, aqui em Ouro Preto, estas palavras encorajadoras: **“Saibamos pedir meus senhores, e não tenhamos receio de fazê-lo, pois trabalhamos para o País”**.

É tempo de terminar. Dando por cumprida a incumbência que me determinou o nosso Presidente, de coração na mão e mal contendo a minha emoção, saúdo a nossa querida Escola de Minas, em nome de todos os seus antigos alunos. Reverencio a memória dos seus grandes fundadores e dirijo uma palavra amiga, de simpatia, a todos os colegas, presentes e ausentes, e aos atuais alunos, a quem cabe colher novos louros para esta Casa, servindo a um Brasil maior, sempre amado e querido por todos nós.



Dr. AMARO LANARI

Discurso

Para registrar a homenagem prestada ao dr. Claret Rodrigues da Cunha, como ex-aluno destaque da EM, na Festa do 12, em 2006, vários amigos da GORCEIX sugeriram e consideraram importante transcrever seu discurso naquela oportunidade. Em seu discurso o dr. Claret, com fino humor, criou uma equação para dizer que não era merecedor da homenagem e sim quem lhe havia proporcionado as condições para que chegasse a esse ponto.

A GORCEIX acredita que ele está apenas parcialmente certo. Todos os citados, dos avós aos professores, passando pela esposa, certamente merecem as honras. Mas de que adiantaria todo o conhecimento transmitido ou o convívio exemplar, se o homenageado não o colocasse em prática?

O dr. Claret fez por merecer, sem dúvida, a homenagem que recebeu. Aliás, não “fez” apenas. Continua fazendo. Mantém contato constante com a EM, se interessa pelo ensino, declara que a empresa que preside é a mais emopiana de todas (e confere a vizinhança para ver se alguém discorda...). Além disso apóia a reforma das repúblicas federais de Ouro Preto, tem um escritório da GORCEIX dentro da GEOSOL, nos últimos anos tem apoiado a implantação de novos setores do Museu de Ciência e Técnica de EM e muito mais. Por tudo isso a GORCEIX aplaude a SEMOP/BH pela indicação e a A³EM por tê-la aprovado. O colega Pipoca merece, sem dúvida.

Não sabem porque “Pipoca”?

– Leiam o discurso abaixo

$$y = a \cdot x + b$$

Claret Rodrigues da Cunha (*)

Exmos.

senhores professor doutor João Luiz Martins, Reitor da UFOP e professor doutor Geraldo Arantes de Azevedo Brito, Diretor da EM – nas pessoas de quem cumprimentamos os demais componentes da mesa – caros homenageados especiais; colegas das turmas de 1956 – Jubileu de Ouro e 1981 – Jubileu de Prata; minhas senhoras e meus senhores.

O fato de estarmos hoje recebendo a grande honra da homenagem como ex-aluno destaque do ano de 2006, originou-se da iniciativa de postulação de nosso nome pela SEMOP-BH, na Assembléia da A³EM, por ocasião do “12” de 2005. Que motivos teriam levado, além dos laços de amizade, nossos colegas e amigos da SEMOP-BH a nos indicar para tão grande honra?

Sim, porque ao refletimos sobre nossa trajetória profissional, constatamos que ela poderia ser representada pela equação da reta $Y = a \cdot x + b$, expressão matemática de extrema beleza em sua simplicidade. Quais seriam os componentes de nossa equação?

Y seria o eixo do crescimento humano, no seu sentido mais amplo, compreendendo

ética, moral, amizade e amor.

X seria o eixo temporal, representando a nossa caminhada pela vida.

Em nossa figuração, b que é a intercessão da reta com o eixo dos Y, representa a formação recebida no seio da nossa família, avós e pais, com todos os valores básicos da formação humana. Em meu caso, principalmente, pela figura de meu avô materno, Antônio Rodrigues Dias, imigrante português, alfaiate, que teve uma única filha, minha mãe e que, com grande espírito cristão, trouxe de Portugal, nos tempos difíceis que aquele país atravessou, seis sobrinhos, criando-os como filhos e deixando-lhes o negócio como herança.

Nosso coeficiente angular, “a”, está visceralmente ligado à Escola de Minas e a Ouro Preto. Sim, porque aqui chegamos muito jovens, ainda adolescentes e, indo morar na República Castelo dos Nobres, aprendemos a dosar nossa impaciência e inquietude já recebendo no primeiro dia o codinome de Pipoca. As amizades construídas no convívio de minha casa, o “Castelo”, permanecem até hoje.

Na Escola de Minas, além dos ensinamentos de Engenharia, recebemos exemplos diários de comportamento profissional e retidão cívico-moral de mestres como Antônio Moreira Calaes, Altamiro Tibiriçá Dias, Jair Carvalho, A. L. Miranda Barbosa,

dentre muitos outros. Como disse meu grande amigo, dr. J. R. Andrade Ramos, aqueles mestres não somente lecionavam matérias de engenharia, mas, também, pelo seu comportamento diário pontual, ministrando com dedicação toda matéria, impregnávamos da certeza de que somente o trabalho perseverante e contínuo permitir-nos-iam alcançar sucesso em nossas vidas.

Ao egressarmos da Escola de Minas em 1974, como Engenheiro Geólogo, ingressamos na GEOSOL-Geologia e Sondagens, onde permanecemos até hoje. E se nosso coeficiente “a”, determinado pela convivência republicana e nas salas de aula da Escola de Minas era ascendente, com valor angular razoável, foi acelerado pelo aprendizado com os emopianos encontrados na GEOSOL: Victor Dequech, Naldo Tôrres, Eurípedes Silva, J. H. Grossi Sad e Arnaldo Gramani.

Os componentes ligados ao amor e cumplicidade incrementaram-se quando, com um ano de formação, graças às incontáveis andanças na minha vida de geólogo, fui encontrar em Itabira, além dos versos de Drummond, a companheira de minha vida, Maria Perpétua, presente em todos os momentos desde então. Só nos dez primeiros anos de casados fizemos dezessete mudanças com nosso mobiliário, restringido-se ao que cabia na caçamba de uma Pick-up F-75; indo desde Bagé, no Rio Grande do Sul, até

Caetitê, na Bahia.

Os fatores da ética, desprendimento e responsabilidade social cresceram ao vermos o fundador da GEOSOL, dr. Victor Dequech, Engenheiro de Minas e Civil, da turma de 1940, doando a GEOSOL a seus funcionários, na década de 70. Esta foi uma idéia revolucionária que nós, seus sucessores, ao doarmos um terço da empresa, em 2001, à Fundação que leva seu nome, preservamos e mantemos.

Se “X” é a linha dos anos desenvolvendo-se linearmente, como, com tais valores de “b” (base familiar) e “a” (índice de desenvolvimento advindo da Escola de Minas, Ouro Preto, GEOSOL e nossa esposa), nosso “Y” (crescimento humano) não poderia crescer?

Assim, embora de forma não mnemônica, como gostaria o prof. Calaes, esperamos ter demonstrado as razões pelas quais acreditamos sermos hoje homenageados. Os senhores, ao nos concederem o galardão de Ex-Aluno Destaque de 2006, reconhecem principalmente nosso esforço em fazer jus aos valores “a” e “b” que nos foram proporcionados e a amizade dos membros da SEMOP-BH que me indicaram.

Como queríamos demonstrar. Muito Obrigado.

(*) Ex-aluno destaque da Escola de Minas da UFOP em 2006

Artigo

Geologia Centenária

JOÃO CÉSAR DE
FREITAS PINHEIRO (*)

**Este ano se comemoram
os 50 anos da instalação dos cursos
de geologia nas universidades do país**

As

comemorações dos 100 anos de criação do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil – atualmente Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), uma empresa pública vinculada ao Ministério de Minas e Energia – coincidem com o Ano Internacional do Planeta Terra, proclamado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em dezembro passado. O serviço, criado em 1907 pelo jurista mineiro Afonso Pena, que foi presidente da República entre 1906 e 1909, sucedeu a antiga Comissão Geológica do Império (1875) e estabeleceu as bases técnicas e científicas para que se instalasse o Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM), em 1934; o Conselho Nacional do Petróleo, em 1938; a Petrobras, em 1954; a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEM), em 1956; o Ministério de Minas e Energia, em 1960; a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), em 1969; o Centro de Tecnologia Mineral (CETEM), em 1978; e a Agência Nacional do Petróleo (ANP), em 1997. Todo este mecanismo do governo federal, ao qual se adicionam os sistemas estaduais de geologia e mineração, tem a obrigação de utilizar o grande potencial das ciências da terra para a construção de uma sociedade segura,

sadia e sustentada, que, em seu próprio benefício, faça um eqüitativo uso por todos das riquezas que o subsolo continental e o substrato oceânico permitem.

Na época de Afonso Pena, os ministérios eram ocupados por políticos jovens e que respeitavam muito sua autoridade. Numa carta a Rui Barbosa, o presidente chegou a declarar que a função dos ministros era a de executar seu pensamento: “Na distribuição das pastas não me preocupei com a política, pois essa direção me cabe, segundo as boas normas do regime. Os ministros executarão meu pensamento. Quem faz a política sou eu”. Atualmente, a formulação da política de geologia exige muito mais do que uma só cabeça pensante. Não só porque não se elege mais o presidente da República com base na chamada política do café-com-leite, mas também porque é impossível pensar o Brasil e seu território sem considerar planejamento estratégico incluyente, que aborde a interação e a integração entre o local e o global. A formulação da política de geologia é hoje mais aberta à participação geral, nela não influenciando somente quem, por condição de pobreza, não pode ou não se interessa em acessar os sites governamentais pela internet e demais meios de comunicação de massa.

A prosperidade da vida humana relaciona-se no dia-a-dia com decisões dos poderes públicos e das entidades privadas a respeito da utilização de recursos naturais minerais e energéticos, água superficial e subterrânea, enfim coisas da terra que precisam ser bem conhecidas e aproveitadas de forma sustentável. Infelizmente, tais decisões ainda carecem de um melhor entendimento

das questões geológicas e de planejamento estratégico de longo prazo. Minimiza-se tal problema quando o governo federal admite a importância do núcleo de assuntos estratégicos e tenta-se promover a retomada dos levantamentos geológicos básicos em conjunto com as universidades. Entretanto, há que se ter o devido cuidado de não se utilizar as universidades como fontes de mão-de-obra barata e de descolar o planejamento estratégico das realidades locais.

Neste Ano Internacional do Planeta Terra da ONU e do centenário de criação do Serviço Geológico do Brasil, também se comemoram os 50 anos da instalação dos cursos de geologia nas universidades brasileiras. Que isso nos sirva de lembrança quando se pensar em ensino e pesquisa científica alinhada com as necessidades públicas e privadas de mitigar e prever desastres naturais de escorregamento de solos, enchentes, desmoronamentos e outros tão comuns nas periferias. Que nos sirva de estímulo para combater malefícios dos efeitos naturais e de influência humana sobre o clima. Que nos incentive a reconhecer a geomedicina como importante ramo da ciência e tecnologia para a solução de problemas rurais e das megacidades. Que nos anime para a compreensão do futuro com base nas origens da vida e da humanidade enquanto arranhamos a crosta terrestre com nossas pretensões de utilizar recursos dos solos e oceanos.

**(*) Geólogo, Ph.D.,
diretor-geral-adjunto do DNPM.
Publicado no Jornal Estado de
Minas em 25 de maio de 2007.**

Depoimento

Em significativo depoimento, o dr. Rinaldo Campos Soares, ex-aluno da Escola de Minas, ex-bolsista da Fundação Gorceix e atual presidente da Usiminas, nos mostra, de forma cabal, a importância destas duas instituições na formação de lideranças autênticas e fundamentais para o desenvolvimento da engenharia no Brasil.

Acima de tudo, como ser humano

Rinaldo Campos Soares (*)

Ouro Preto cede à minha

memória o entusiasmo de uma juventude que escreveu sua história de sonhos, livros e serestas pelas ladeiras e casarios históricos. Foi em 1959 que, vindo de Divinópolis, deparei-me com sua geografia montanhosa e engenheiro me fiz, sob forte influência da vocação mineral do nosso estado.

Naqueles idos, o curso superior da Escola de Minas tinha um perfil eclético, que englobava engenharia civil, de minas e metalurgia. No quinto ano, recebia-se o diploma de minas e metalurgia. Ocorreu que, quando eu cursava o sexto ano, um pesquisador francês me chamou para um curso de aperfeiçoamento no Instituto de Pesquisas de Siderurgia da França. Na Universidade de Paris, fiz o doutoramento em Metalurgia e fiquei quase quatro anos trabalhando na área de metalurgia física.

Meu regresso para o Brasil se deu em 1967, como coordenador de pesquisas industriais do Instituto Costa Sena, da Fundação Gorceix. Três anos depois, por intermédio do grande Dr. Amaro Lanari fui admitido na Usiminas no Departamento de Engenharia Industrial, vindo a assumir a presidência da empresa em 1990. E é esse o cargo que ocupo até hoje.

Ao revisitar esse passado, tenho comigo que toda a experiência de aprendizado na Escola de Minas devotou-me a ser, sobretudo, um siderurgista de ampla especialização técnica, mas também com visão humanista. O convívio com os colegas e mestres, pelos corredores e salas, vez por outra ainda saúdam minhas lembranças.

Não seria exagerado afirmar que sou hoje muito do que vivi naquela época. E cada vez mais reconheço nos jovens que na Usiminas constroem o seu futuro profissional (e, por que não, de vida?) um pouco desse saudosismo juvenil, na esperança de que o atribulado mundo contemporâneo lhes forneça ao menos um pouco do que a Escola de Minas e a Fundação Gorceix me ofereceram como engenheiro e, acima de tudo, como ser humano.

(*) Ex-aluno da EM, ex-bolsista da GORCEIX e atual presidente da Usiminas

